

"Uma história dos sem nomes": a visão de história em Walter Benjamin

Eduardo Arriada

Resumo

O presente artigo busca resgatar alguns aspectos fundamentais da obra benjaminiana, na tentativa de explicitar a visão de história construída pelo mesmo ao longo de uma vida preta de significados. Sua grande interrogação não se dirigia tanto a desvendar o segredo da história – "res gestae" – mas sim, a maneira que podemos falar dela, a esclarecer como um caos de acontecimentos pode fazer-se inteligível.

A grande questão epistemológica que nos aponta Benjamin é: que história queremos fazer? Como conhecer a história?

Ele nos adverte que a transformação do passado em história é função do presente do historiador, do momento do tempo e do lugar em que seu discurso é engendrado. Não se trata tanto de restaurar o passado, nem sequer de reconstruí-lo, como pensou o historicismo, mas sim de criá-lo.

Palavras-chave: Walter Benjamin, história, narração.

Résumé

Cet article a le but de repérer quelques aspects essentiels de l'oeuvre benjaminienne, en essayant d'explicitar la vision d'histoire construite par l'auteur au long d'une vie pleine de signification. Sa grande interrogation ne s'appliquait pas à découvrir le secret de l'histoire – "res gestae" – mais au mode que nous en pouvons parler et à éclairer comment un chaos peut devenir intelligible.

La grande question épistémologique que Benjamin nous signale c'est: quelle histoire est-ce que nous voulons faire? Comment connaître l'histoire?

Ils nous prévient que la transformation du passé en histoire est fonction du présent de l'historien, du temps et du lieu où son discours est engendré. Il ne s'agit pas de restaurer le passé, ni même de le reconstruire, comme l'historicisme a pensé, mais de le créer.

Mots-clés: Walter Benjamin, histoire, narration.

A diferença entre o historiador e o poeta, Sancho, é que o historiador conta-nos a história como ela foi; e o poeta, como ela devia ter sido (Cervantes)

Introdução

Vivemos atualmente uma imensa crise geral da sociedade. Crise relacionada com os impasses e falta de resposta da pós-modernidade. Crise profundamente ética. Crise também dos paradigmas que buscam explicar o homem e o seu contexto social. Por conseqüência, podemos falar em crise da história.

A desconstrução do real que hoje se opera, no dizer de François Dosse, parece fundamentalmente ligada ao período atual: o das ilusões perdidas. No momento em que o vento da história soprava para construir uma sociedade nova, ou seja, no século XVIII e na metade do século XIX, os pensadores buscavam o sentido do futuro humano e inscreviam o presente na lógica racional. De Kant a Marx, sem esquecer Hegel, temos a compreensão dos fundamentos das batalhas em curso pela liberdade. Ao contrário, quando as resistências às mudanças triunfam, no momento em que as esperanças são frustradas, em que a desilusão se enraíza, assiste-se à recusa da racionalização global do real. Já que o real não realiza as esperanças, ele não pode ser racional. A história perde, então, todo sentido, fragmenta-se em múltiplos segmentos.¹

Entendemos ser altamente enriquecedora a contribuição de Walter Benjamin, que não apenas "pensou" sobre a história, mas que construiu uma análise da mesma.

O pensamento benjaminiano apresenta um corpo teórico que nos possibilita "pensarmos" o mundo moderno, além de ser um precioso instrumental crítico de análise. Em seu último texto "Teses sobre a filosofia da história", Benjamin retoma questões anteriormente formuladas: Que história queremos fazer? Como conhecer a história? Como ter empatia pelos vencidos? Essas perguntas ainda hoje se fazem presente. Em uma de suas últimas cartas, ele menciona a importância epistemológica e crítica desse texto, que representa, na verdade, a tentativa de elaborar uma concepção de história, afastada tanto da historiografia tradicional da classe dominante, como da historiografia materialista triunfalista.

É dentro de um contexto geral de uma filosofia da história fundada na crítica radical e profunda da ideologia do progresso, essa

¹ DOSSE, François. *A História em Migalhas*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

"filosofia do vapor e da combustão química" que nos fala Baudelaire, que precisamos analisar as observações de Walter Benjamin acerca do declínio da experiência no mundo moderno. A experiência (erfahrung) que é coletiva, não se confunde com a experiência vivida individualmente (erlebnis); enquanto que a primeira é um tratado cultural enraizado na tradição, a segunda se situa à um nível psicológico imediato, que não possui a mesma significação. Em um ensaio sobre Baudelaire, o autor nos define mais precisamente o que entende por erfahrung: "na verdade, a experiência é um fato de tradição, tanto na vida coletiva como na particular. Consiste não tanto em acontecimentos isolados fixados exatamente na lembrança, quanto em dados acumulados, não raro inconscientes, que confluem na memória".²

As várias leituras de Benjamin

Vários especialistas que estudam Walter Benjamin, deixam bem claro que, "qualquer tentativa de estabelecer uma unidade a partir de textos tão díspares como o são os de Benjamin, está sempre condenada desde o início"³.

Existe hoje uma retomada de (re)leituras de sua obra, ultrapassando de certa maneira um modismo, e um singelo, mas perverso enquadramento do autor. Para alguns, como Jeanne-Marie Gagnebin e Michel Löwy,⁴ é ressaltado o aspecto teológico da obra de Benjamin; outros como Paulo Rouanet⁵ realizam uma leitura freudiana do autor; por fim, temos uma leitura marxista de seus escritos, caso de Flávio Kothe e Leandro Konder.⁶

O que podemos dizer, é que não apenas escreveu Benjamin sobre uma variedade extraordinária de temas, - o teatro trágico alemão (Ursprung des deutschen Trauerspiels), a história (Geschichtsphilosophische Thesen), a arte (Das Kunstwerk im zeitalter seiner technischen reproduzierbarkeit), a

² BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Os Pensadores*, p. 30.

³ LECHTE, John. *50 Pensadores contemporâneos essenciais*. Madrid: Cátedra, 1996; KOTHE, Flávio. *Walter Benjamin* (Sociologia), 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. (Coleção Gandes Cientistas Sociais); GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin ou a história aberta* (Prefácio). In: *Walter Benjamin* (Obras Escolhidas). *Magia e Técnica, Arte e Política* (v. 1). 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

⁴ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. Campinas: Perspectiva & Editora da Un. de Campinas, 1994.

⁵ ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo*: itinerários freudianos em Walter Benjamin. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

⁶ KOTHE, Flávio. *Benjamin & Adorno*: confrontos. São Paulo: Ática, 1978; KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

modernidade (Die Moderne), Baudelaire (Über einige Motive bei Baudelaire), como também, estilisticamente, se movimentou entre a prosa, o fragmento, os aforismos e as citações. Benjamin entendia literalmente, como em "Rua de mão única", que as citações são como os salteadores que, de mãos armadas, assaltam o leitor e roubam-lhe a adesão.

Grande parte de seu interesse acabava sendo relegado a um segundo plano, ou como ele mesmo diz, na lata do lixo, pela historiografia oficial. Sua curiosidade e análise histórica voltavam-se para assuntos pouco investigados, como: livros infantis, moda, prostitutas, boêmia, pelos "flâneur", tornando-se deste modo pouco simpáticas ao pensamento dominante.

Nasceu em Berlim em 1892, filho de um marchante de arte judeu. Teve uma infância em grande parte abastada. Foi sempre um menino franzino e enfermiço. Desde de cedo teve uma inclinação pela leitura, sendo um leitor voraz. Estudou filosofia, literatura e psicologia nas Universidades de Berlim e de Freiburg. Em 1917, transfere-se para a Universidade de Berna (Suíça), onde doutorou-se em 1919 com o trabalho "O conceito de crítica de arte nos românticos alemães".

Seus primeiros trabalhos mostram um grande interesse pela teologia. Seu primeiro trabalho de certa relevância "As afinidades eletivas em Goethe", busca confrontar o simbolismo amoral da teoria da cultura do início do século XX com uma ética pessoal bastante puritana. Posteriormente elabora para exame de livre-docência, o texto "Origem do drama barroco alemão", buscando uma crítica exaustiva do "estoicismo" não político da vida intelectual, tendo como pano de fundo o drama luterano do século XVII.

A partir dos anos 20, dedica-se quase que exclusivamente aos problemas levantados por uma concepção marxista da cultura. Um marxismo, para Pierre Missac, que ele havia mais sondado do que estudado e que interpretava, na maior parte das vezes, muito bem, sem conhecê-lo à fundo.

Com a ascensão do nazismo na Alemanha, abandona o país e passa a viver na França, onde trava conhecimento com Hannah Arendt e George Bataille. Com a invasão desta e tomada de Paris pelos alemães, tenta fugir pela fronteira da Espanha em direção aos Estados Unidos. Quando porém chega em Port-Bou (fronteira França-Espanha) é-lhe negado o direito de ingresso. Já deprimido, esgotado e bastante cansado, na noite de 27 de setembro de 1940 comete suicídio.

Uma caminhada intelectual

Ao largo de uma obra complexa e diversa, Walter Benjamin propunha-se elaborar uma (re)construção teórica da modernidade. Em vários momentos dessa obra, ele coloca a estética "como centro de meus interesses intelectuais, estreitamente unida a uma inquietude crítica por analisar a situação social do homem moderno"⁷.

No desenvolvimento de seu trabalho ao largo dos anos, elabora e constrói um sistema de distintas procedências: a filosofia da linguagem de Herder, Humboldt e o romantismo alemão, mais tarde orientado para a filologia francesa; uma teoria crítica da experiência de raiz kantiana; a teologia messiânica judaica; e por fim, a teoria marxista.

Este rico instrumental teórico lhe permite investigar o fenômeno da modernidade sob um olhar denso e aberto e seccionar acontecimentos e conceitos de ângulos muito diferentes.

Desde seus primeiros escritos, Benjamin estabelece uma relação interna entre o nascimento da modernidade e a crise da arte. O moderno se manifesta como consciência do rompimento entre o homem e a natureza, que colocará uma distância, cada vez mais profunda, entre o ser humano e o mundo criado por ele.

Em seu texto "O trabalho das passagens" (*Das Passagen-werk*) Benjamin busca elaborar uma teoria da modernidade. Numa nota ele explica qual o método desse estudo: a montagem literária. "Não tenho nada a dizer. Somente mostrar. Não vou me apropriar de nenhuma formulação intelectual, nem vou furtrar nada valioso. Somente a miséria, os desejos; não vou descrever, mas exibí-los". Benjamin busca com efeito, um caminho por entre os escombros da realidade social da modernidade. Como bom colecionista e bibliófilo tenta resgatar, tal como Marcel Proust, um tempo perdido.

Num texto datado de 1918, Benjamin escreve que "eros, o amor, tem como único fim a morte daqueles que se amam".

Acompanhando a caminhada intelectual e afetiva do autor, percebemos que os diversos relacionamentos amorosos moldaram em parte sua personalidade. Sabe-se, conforme nos relata Pierre Missac, um pouco de sua primeira noiva Grete Radt, que depois da ruptura casou-se com um amigo seu, enquanto ele se casava com Dora Pollak, inaugurando um triângulo que vamos, talvez de modo um pouco ousado, relacionar à gênese de sua obra; mas foram amores que estavam em si muito longe de serem

⁷ BENJAMIN, Walter. *Escritos autobiográficos*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

felizes ou perfeitos. Scholem insiste nas disputas violentas que testemunhou na Suíça poucos anos depois do início da união.

Nos anos de 1915 quando estudava em Munique, seguindo o curso do célebre historiador de arte Henrich Wölfflin, a quem considera muito ruim, junto estudava sua primeira noiva Grete Radt. Na primavera rompe com a mesma e começa seu relacionamento com Dora Pollak, sua futura esposa. Em seus escritos desses anos faz uma defesa da juventude sob diversos ângulos, que são por sua vez um ataque a sociedade burguesa. Por outro lado realiza uma crítica profunda da educação alemã de seu tempo, tanto do sistema escolar como da universidade.

Numa obra escrita em 1922 mas só publicada em 1924, "As afinidades eletivas de Gothe", Benjamin dedicou esse texto a escultora Jula Cohn, irmã de seu colega de Ginásio Alfred Cohn. Por diversas cartas Benjamin dá a entender a sua paixão. Mesmo assim, no ano de 1925, Jula Cohn acaba casando com Fritz Radt, irmão da antiga noiva de Benjamin, Grete Radt, que por sua vez casa com o irmão de Jula, Alfred Cohen. A amizade entre ambos contudo continuou, tendo em 1926 Benjamin escrito a Jula desde Paris: "Penso muito em você aqui e sobre tudo gostaria de ver-te com freqüência em meu quarto".

No verão de 1924 viaja para Capri ficando hospedado junto com Ernst Bloch e Lucie Gutkind. Aí conhecerá a sua terceira grande paixão: Asja Lacis, assistente de Bertolt Brecht, militante comunista russa e diretora cênica. Esse relacionamento com Asja Lacis acabou predispondo Benjamin aos estudos marxistas. Foi à partir desse relacionamento que o autor começa a introduzir em suas reflexões elementos teóricos da crítica marxista. Desses anos datam os breves escritos que compõem Einbahnstrasse (Rua de mão única) aparecidos em 1925 em diferentes revistas e publicado em livro em 1928, neles põe em prática pela primeira vez uma crítica política materialista, dedicando esse livro a sua amada: " Esta rua chama-se Rua Asja Lacis, em homenagem àquela que, na qualidade de engenheiro, a rasgou dentro do autor".

Ainda a respeito de Asja Lacis, a leitura do "Diário de Moscou" - cidade cada vez mais estrangeira onde Benjamin fora reencontrar aquela que se tornara sua inspiradora, embora ela não tenha deixado de viver com outro homem - nos deixa atônitos devido ao comportamento de um apaixonado tímido e complacente. De fato, o que Benjamin diz em vários textos curtos sobre as relações de Eros e da sexualidade é somente um aspecto novo da dialética do próximo e do distante, que desempenha para ele, sob tantos pontos de vista, um papel tão importante. Ela explica seu interesse pelo poema de Baudelaire "A une passante", que ele traduziu quando jovem com o surpreendente título de "A une dame" e comentou em

um de seus últimos escritos: a mulher que queremos amar tem sempre algo de inacessível; passando e passante, só podemos captá-la "no tempo de um relâmpago"; os dois sentidos da palavra paixão se reúnem na infelicidade.⁸

Em seu diário ele relata ter conhecido "três mulheres diferentes e três homens diferentes em mim. Escrever a história da minha vida significaria expor a construção e o desmoronamento desses três homens". Sua relação com Dora Pollack, anarquista e niilista, em cujo discurso, nos fala Scholem, brotavam "enérgicos matizes nietzschianos", com ela conheceu ainda a teologia judaica. Jula Cohn simbolizou, ao contrário, sua paixão literária. A história que envolve a ambos e as qualidades que ela apreciava estão cheias de elementos míticos, caracteres de novela e acontecimentos dominados pelo destino. Asja Lacis transbordava energia revolucionária, o ingrediente que Benjamin necessitava tanto sob o ponto de vista afetivo como intelectual. Como ele escreveu: "elas foram o triunvirato que representa hoje minha vida".⁹

História e Narração

O que é contar uma história? Pergunta simples, dirão muitos. Num pequeno livro de Marc Bloch, "Introducción a la Historia," o autor abre com uma indagação: "Papá, explícame para qué sirve la historia, pedia hace algunos años a su padre, que era historiador, un muchachito allegado mío".¹⁰

Para Benjamin, histórias (plural) seriam contadas para desviar dos fatos e a "história" (singular), deveria nos restituir a verdade do passado. O autor procura estabelecer uma ligação entre sua filosofia da história e sua teoria da literatura.

Ainda hoje, literatura e história enraízam-se no cuidado com o lembrar, seja para tentar reconstruir um passado que nos escapa, seja para resguardar alguma coisa da morte.

A busca da verdade é definida, na esteira de Platão, como um processo de rememoração e de consideração meditativa, e não como um processo de aquisição de conhecimento baseado na dedução ou na indução. Trata-se de saber considerar a realidade dos objetos de maneira

⁸ MISSAC, Pierre. *Passagem de Walter Benjamin*, São Paulo: Iluminuras, 1998, p. 19/20.

⁹ BENJAMIN, Walter. *Escritos Autobiográficos*, Madrid: Alizanza Editorial, 1996 e SCHOLEM, Gershom. *Walter Benjamin: historia de una amistad*, Barcelona: Ediciones Península, 1987.

¹⁰ BLOCH, Marc. *Introducción a la Historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987, p. 09.

suficientemente crítica para neles descobrir, na sua constituição mesma, os rastros de uma outra configuração ideal de cuja memória os nomes são os guardiões.

A atividade do conceito tem por tarefa essencial a análise e a dissecação dos fenômenos, no intuito de destruir sua imagem já pronta, como bem colocou Jeanne-Marie Gagnebin,¹¹ e de expor seu secreto pertencer a essa ordem ideal. A análise conceitual tem, portanto, um papel de mediação imprescindível que visa um duplo resultado, "salvar os fenômenos e representar(apresentar) as idéias".

Nas "Teses sobre filosofia da história", Benjamin ressalta que a narração da historiografia dominante, sob sua aparente universalidade, remete à dominação de uma classe.

"O historicismo culmina justamente na história universal. Nisso é que, mais do que em qualquer outra coisa, a historiografia materialista se diferencia mais nitidamente. O historicismo não tem armação teórica. Procede por adição: conclama a massa dos fatos para preencher o tempo vazio e homogêneo. Por sua vez, a historiografia materialista tem subjacente um princípio construtivo. Ao ato de pensar pertence não só o andamento dos pensamentos, mas também a sua fixação. Onde o pensamento súbito estaca numa constelação saturada de tensões, transmite-lhe um choque que a faz cristalizar-se em mônada."¹²

Dois conceitos são básicos para a análise do discurso: **símbolo** (ideal de eternidade), e **alegoria** (allo – outro, agorein – dizer), deve-se aprender uma outra leitura que busque sob as palavras do discurso seu verdadeiro pensamento. Por exemplo: leitura do Cântico dos Cânticos, diversos níveis de leitura: literal, moral e alegórica. O leitor mais tosco só será capaz da primeira leitura, um leitor mais prevenido chegará à segunda, enquanto a terceira só será acessível aos leitores cuja perfeição espiritual saberá descobrir o sentido escondido sob o véu das palavras.

O símbolo é, a alegoria significa; o primeiro faz fundir-se significante e significado, a segunda os separa.

Enquanto o símbolo aponta para a eternidade, a alegoria ressalta a impossibilidade de um sentido eterno e a necessidade de perseverar na temporalidade e na historicidade para construir significações transitórias.

Não há mais sujeito soberano num mundo onde as leis do mercado regem a vida de cada um.

¹¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. Campinas: Perspectiva, 1994.

¹² BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio. *Walter Benjamin* (Sociologia), op. cit. p. 162.

O soneto **A une Passante**, não apresenta a massa como asilo do criminoso, mas como o refúgio do amor que foge ao poeta.

"Ensurdecedora urrava a rua ao meu redor.
Alta, elegante, toda de luto, na dor majestosa,
Passou uma mulher, com a faustosa mão
Erguendo, balançando a bainha e o festão,

Ágil e nobre, com a sua perna de estátua.
Eu, eu bebia, crispado como um extravagante,
No seu olho, lívido céu que gera o furacão,
A doçura que fascina e o prazer que mata.

Um clarão... a noite após! Beleza fugidia,
Teu olhar me fez renascer num repente,
Será que ainda te verei de novo um dia?

Tão longe daqui! Tão tarde! Talvez nunca; no além!
Não sei para onde foste, não sabias para onde eu ia,
Ó tu que eu teria amado, ó tu que disto sabias!"¹³

O conhecimento alegórico é tomado pela vertigem: não há mais ponto fixo, nem no objeto nem no sujeito da interpretação alegórica, que garanta a verdade do conhecimento.

Essa idéia é cara ao Benjamin dos anos trinta, de uma história dos excluídos, dos esquecidos e dos vencidos, que a crítica filosófica-histórica deve extrair por debaixo da camada terrosa da história oficial. A verdade da interpretação alegórica consiste neste movimento de fragmentação e de desestruturação da enganosa totalidade histórica.¹⁴

O papel da crítica – e da história – é aqui definido por Benjamin com uma clareza cortante: tirar das formas artísticas "O Trabalho das Passagens" as formas sociais fantasmagóricas, a partir do emaranhado histórico por elas desenhado, seu vulto futuro. Vulto desconjuntado e confuso que não reproduz necessariamente a harmonia do vivo, mas se compõe de escombros, de elementos disparatados ou extremos, como ele ressalva: "somente esses destroços, esses fragmentos dispersos de uma totalidade, reconhecida como sendo enganosa, deixam entrever o esboço de uma outra realidade, redimida".¹⁵

Num texto poético, cada significado se inclina no sentido de se tornar um significante de novos significados. Cada elemento do texto é, portanto, o outro de si mesmo. Cada texto verdadeiramente literário é também alegórico – eis a sugestão básica de Benjamin. Na equação

¹³ BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio. *Walter Benjamin* (Sociologia). Op. cit. p. 73.

¹⁴ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. Op. cit. p.51.

¹⁵ Idem, ibidem, p. 53-54.

paradigmática de Lacan, "l'être, lettre, l'autre", há uma coincidência com o "Drama Barroco alemão", em que o ser é a letra e é o outro.

A idéia de Revolução

Mesmo quando fala em revolução, recusa a idéia de um processo cumulativo e progressivo que levaria a uma forma secularizada de redenção.

Nas suas anotações ao texto "Teses sobre filosofia da história", Benjamin caracteriza a narração da "história" pela sua preocupação com a continuidade e pela sua crença na idéia de uma causalidade cronológica eficaz. Ele retoma essa descrição no "Passagen-Werk" e lhe dá um acento explicitamente político; a história é, de fato, a "comemoração" das façanhas dos vencedores, ela é a "apologia", que tende a "recobrir os momentos revolucionários do curso da história". Pois o que a história tradicional quer apagar são os buracos da narrativa que indicam tantas brechas possíveis no continuum da dominação.

"A teoria social-democrata, e ainda mais a sua práxis, era determinada por uma concepção de progresso que não era realista, mas que tinha uma pretensão dogmática. O progresso, tal como ele se configurou nas cabeças dos social-democratas, era, primeiro, um progresso da própria humanidade (e não só de suas habilidades e conhecimentos). Segundo, ele era infinito (correspondendo a uma infindável capacidade de aperfeiçoamento da humanidade). Terceiro, ele era considerado como essencialmente inelutável (como algo que avança por si mesmo, percorrendo um caminho direto ou em forma de espiral). Cada um desses predicados é controverso e cada um deles poderia ser criticado. Mas, no momento da decisão, a crítica precisa transcender todos esses predicados e voltar-se para algo que é comum a todos eles. A concepção de progresso do gênero humano ao longo da história é algo inseparável da concepção de que esta transcorra num tempo homogêneo e vazio. A crítica à concepção desse processo precisa constituir o fundamento da crítica à própria concepção de progresso".¹⁶

Em sua teoria da narração e em sua filosofia da história em particular, o indício de verdade da narração não deve ser procurado no seu desenrolar, mas, pelo contrário, naquilo que ao mesmo tempo lhe escapa e se esconde, nos seus tropeços e nos seus silêncios, ali onde a voz se cala e retoma fôlego.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: KOTHE, Flávio. *Walter Benjamin* (Sociologia), op. cit. p. 161.

Uma história em construção

Em certo sentido, tal como Benedetto Croce, Benjamin entende que a história não pode ser uma ciência que acredita recuperar o passado tal qual o mesmo ocorreu. Esta se cria à partir do próprio presente, de maneira que o que consideramos história, nada mais é do que o discurso histórico (a historiografia). Esta idéia, já presente em sua obra "O Drama Barroco Alemão", passa a ser central nos anos em que ele se aproxima do materialismo histórico.

A história deve ser escrita do presente, um presente carregado de tensões antagônicas.

Ao revés de uma ilusória, inútil e funesta "empatia" histórica, segundo Benjamin, que propugnavam como método um Dilthey ou Fustel de Coulanges, o historiador deve saber "ler" nas entranhas de nosso presente as marcas de um passado "esquecido" ou reprimido. A situação política de um presente feito de contradições exige que o historiador descubra o parentesco da mesma com as lutas, sofrimentos e esperanças não realizadas das gerações anteriores.

A história assim entendida, a história "real", é a história dos vencidos, a que eles não narraram porque careciam de voz. Ao contá-la desde o presente em nome dos que tampouco a possuem, o historiador lhes confere voz por cima do tempo. Desse modo, a sua história é "**dedicada aos sem nomes**".

Para Benjamin, o historiador historicista não questiona ou põe em dúvida a história que conhecemos ou que nos foi legada. Essa história é a única e, não uma outra possível entre outras. Desse modo, ela narra o amplo teatro dos acontecimentos considerados relevantes, normalmente as vitórias dos vencedores, sem jamais se preocupar com os derrotados. Os historicistas criam então apenas empatia pelos primeiros, na medida em que, pelas circunstâncias, é sobre os vencedores que existe o maior número possível de testemunhos.

Assim sendo, caberia conforme Benjamin fazermos uma história a "contrapelo".

Na sétima tese sobre a filosofia da história escreve Benjamin:

"Ao historiador ansioso por penetrar no cerne de uma época, Fustel de Coulanges recomendou que ele deveria, então tirar da cabeça tudo o que soubesse sobre o posterior transcurso da história. É impossível caracterizar melhor o método com o qual o materialismo histórico rompeu. É um processo de empatia. Sua origem é um pesadume do coração, a acedia, que renuncia a se apossar da autêntica imagem histórica que fugaz fulgura. Entre os teólogos medievais, ela era considerada como a origem da melancolia.

Flaubert, que havia travado conhecimento com ela, escreve: " Poucas pessoas hão de adivinhar quão triste é preciso ter estado para ressuscitar Cartago".(Idem, ibidem, p. 156).

Em uma de suas teses (IV), Benjamin nos adverte que:

"A luta de classes, que está sempre ante os olhos de um historiador escolado em Marx, é uma luta em torno das coisas brutas e materiais, sem as quais não haveria as finas e espirituais. Apesar disso, na luta de classes estas últimas não estão presentes senão como um espólio que recai para o vencedor. Nesta luta estão vivas como confiança, como coragem, como humor, como astúcia, como denodo, tendo um efeito retroativo até os tempos mais longínquos. Sempre de novo hão de questionar cada vitória que tenha sido alcançada pelos dominadores. Assim como flores movem a sua corola na direção do sol, assim também, por força de um misterioso heliotropismo, aquilo que foi se volta para o sol que vem nascendo no céu da história. O materialista histórico precisa ser um entendido nesta mudança, que é das menos perceptíveis".(Idem, ibidem, p. 155).

Em uma nota preparatória as "Teses sobre a filosofia da história", escreve: "cada momento do tempo ajuda suportar um juízo sobre certos momentos que o procederam". Nesta visão de uma história guiada pelas urgências do presente se articulam o momento político e o momento teológico. O tribunal do juízo final se reúne todos os dias. A história universal é um verdadeiro juízo universal. Porém essa expressão possui um alcance bastante distinto da utilizada por Hegel. Para este, a história é o tribunal que decide entre os acontecimentos quais deles formam parte da aventura da razão. Esta é a história dos vencedores, que julga que acontecimentos tem significados. Para Benjamin, contudo, a verdade na história pertence à memória dos vencidos. No tribunal que o presente instaura para julgar o passado se convoca os vencidos para que alcem sua voz, exijam seus direitos, reclamem sua herança. No juízo que é a história para Hegel se julga os homens; no juízo que é a história para Benjamin, são os homens quem julgam a história.

Referências

Obras de Walter Benjamin

Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, v. 1, 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Rua de Mão Única. Obras Escolhidas, v. 2, 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas, v. 3, 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Walter Benjamin (Sociologia). Org. Flávio Kothe, 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

Walter Benjamin (Os Pensadores). Textos Escolhidos, 2. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

Imaginación y Sociedad. (Iluminaciones 1), Madrid: Taurus Humanidades, 1993.

Tentativas sobre Brecht. (Iluminaciones 3), Madrid: Taurus Humanidades, 1990.

Escritos Autobiográficos. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

Cuadros de un pensamiento. Buenos Aires: Ediciones Imago Mundi, 1992.

Historias y Relatos. Barcelona: Ediciones Península, 1997.

Correspondência (Walter Benjamin e Gershom Scholem). São Paulo: Perspectiva, 1993.

Diário de Moscú. Madrid: Taurus Humanidades, 1990.

Personajes alemanes. Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.

Sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Editores Relógio d'água, 1992.

Dos ensayos sobre Goethe. Barcelona: Editorial Gedisa, 1996.

Origem do Drama Barroco Alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Obras sobre o tema

ADORNO, Theodor. *Sobre Walter Benjamin*. Madrid: Cátedra, 1985.

ALTER, Robert. *Anjos necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (Orgs.). *A Filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BLOCH, Marc. *Introducción a la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.

BORGES, Luís. Um certo Herr Benediz Scöenfliess: Walter, o flâneur da Filosofia e da História. In: *Momento*. Rio Grande: Editora da Furg. v. 7, jan-dez., 1994.

BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Chapecó, Argos, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense, 2000.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo/Campinas: Editora Ensaio/Unicamp, 1992.

DUARTE, Rodrigo e FIGUEIREDO, Virginia (Org.). *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

FRISBY, David. *Fragmentos de la modernidad: teorías de la modernidad en la obra de Simmel, Kracauer y Benjamin*. Madrid: Visor, 1992.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin (Os Cacos da História)*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo/Campinas: Perspectiva e Unicamp, 1994.

JARQUE, Vicente. *Imagen y Metáfora: la estética de Walter Benjamin*. Cuenca: Ediciones de la Universidade de Castilla-La Mancha, 1992.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da Melancolia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. *Benjamin & Adorno: confrontos*. São Paulo: Ática, 1978.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.

LECHTE, John. Walter Benjamin. In: *50 Pensadores Contemporâneos Essenciais*. Madrid: Cátedra, 1996.

MARTORELL, Concha Fernández. *Walter Benjamin: crônica de um pensador*. Barcelona: Montesinos Editor, 1992.

MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: A Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

MISSAC, Pierre. *Passagem de Walter Benjamin*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

PACHECO, Javier Hernández. *Corrientes Actuales de Filosofía: la Escuela de Francfort e la Filosofía Hermenéutica*. Madrid: Tecnos, 1996.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHOLEM, Gershom. *Walter Benjamin: historia de una amistad*. Barcelona: Ediciones Península, 1987.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: Annablume, 1999.

WISMANN, Heinz. *Walter Benjamin et Paris*. Paris: Editions du Cerf, 1986.

Eduardo Arriada é professor da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador do CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação) da FAE/UFPel E-mail: arriada@ufpel.tche.br
--

Recebido em 10/04/2002.